



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



NOME QUE FAZ UM HEROI

Desenhos de CASTANE

P o r W A N D A



OMO te chamas? perguntou a professora ao rapazinho que, nesse dia, entrava na escola pela primeira vez.

— Manuel Jorge Nero, respondeu êle.

Nêsse ano, havia, naquela classe, um grande número de Manueis e, para não estabelecer confusões, a professora só a um mais pequeno chamava por êsse nome e a todos os outros tratava pelo apelido.

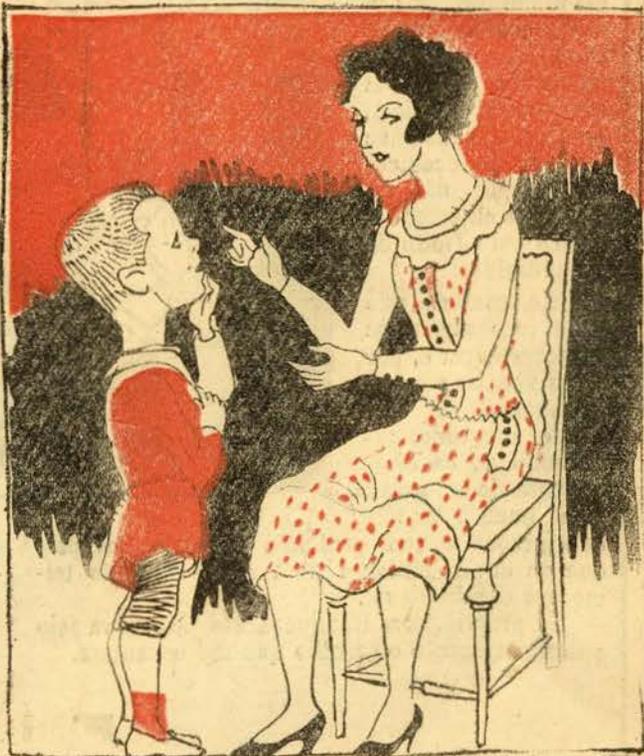
Despreocupadamente, sem ligar atenção ao nome, começou chamando Nero ao garoto, no que logo foi imitada por todos os alunos. Notava ela que, sempre que o pequeno ouvia o seu apelido, carregava o sóbrolho e mostrava um olhar sombrio mas nunca ligou ao caso importância de maior.

Um dia, um dos mais crescidos, disse:

— «Minha senhora, o Nero não quiere que a gente o chame assim!»

— «Porquê? perguntou a professora, dirigindo-se a êle. E o garoto, de olhos baixos, os lábios contraídos, titubeou.

— «E' que... disseram-me que houve, antigamente, um homem, muito mau, chamado Nero



(Continua na página 3)

Fernando Eurico o Teimoso

Por TOUTINEGRA

Desenho de A. CASTANÉ



Seitores do «Pim-Pam-Pum» não conhecem, talvez, o Fernando Eurico mas conhecem, por certo, algum outro menino que sofra deste terrível defeito: — a teimosia.

Mostrem-lhe esta pequenina história e digam-lhe que, como este, todos os teimosos têm seu castigo.

tigo.

Fui, no passado mês de Fevereiro, a Maфра, ver o imponente convento que D. João V, o rei magnânimo, como lhe chamavam, mandou construir no seu reinado que as minas do Brazil encheram de ouro e riquezas.

Logo à entrada do Palácio, notei que teria como companheiros, além do cicerone e de minha tia, um casal que consigo levava um interessante garotinho de seis a sete anos de idade. Ouvi chamar-lhe Fernando Eurico e devia ser muito inquieto, pois os pais não se fartavam de recomendar-lhe que não tocassem nos objectos expostos em virtude de ser proibido.

Ele, contudo, não fazia caso algum de tal advertência e, por todas as salas em que passavamos, ia mexendo em tudo, arrastando as cadeiras e sentando-se nelas, com imensa arelia do cicerone e com profundo desgosto dos pais que se envergonhavam de ter um filho tão teimoso e desobediente.

Eu própria, com franqueza, até já achava feio e desinteressante o garotito que me encantara.

Chegámos, finalmente, a uma dependência do convento que se encontra ocupada por objectos que serviram à sua construção, tais como alavancas, compassos, etc., etc.

Fernando Eurico continuava mexendo em tudo. O cicerone cada vez com expressão de mais zangado, os pais cansados de o repreenderem e até eu já tivera tentações de aplicar ao teimoso um bom par de açoites.

Daí a momentos, subitamente, enquanto entretidos, contemplavamos o lindo panorama, duma das janelas, ouvimos um forte ruído, seguido dum choro aflitivo. Virámo-nos. Havia sido Fernando Eurico que, tendo mexido num enorme compasso, o deixara cair sobre um sapato.

Seus pais correram aflitos e, descalçando-o, viram-lhe o pequenino pé todo roxo, inchado, devendo doer-lhe imenso.

O pai, pegando-lhe ao colo, dirigiu-se logo à farmácia, enquanto a mãe, seguindo-os, chorava por vê-lo tão magoado.



E, assim, a teimosia do garoto, interrompeu o passeio. Eu continuei. Mais tarde, quando saí, indo comer uns bolinhos, encontrei na pasteleria o grande teimoso que, descalço, comia também sentado ao colo da boa mãe e prometendo-lhe, entre soluços, não mais teimar nem desobe-

decer. Será assim?! Deus queira!

Que lhe sirva de emenda este castigo que sinceramente lamento por o haver magoado. Mas não deixo de concordar que veio muito a propósito.

F I M

NOME QUE FAZ UM HEROI — (Continuado da página 1)



que... até deitou fogo a uma cidade para ver, de longe, a vista que fazia.

E os seus olhinhos vivos, levantaram-se suplicantes para a professora, enquanto, com a sua voz meiga, perguntava:

— «É verdade, minha senhora?»

Confrangeu-se o coração da professora, uma jovem que no exercício da sua profissão punha todo o entusiasmo, inteligência e carinho, sem saber que resposta devia dar àquela angustiosa interrogação.

Pobre almozinha — pensou ela — para que haviam tão cedo de envenená-la com narrações que mostram maldade, degeneração, tristezas?

E, ante o aspecto consternado do miúdo, desviou, comovidamente, a conversação, dizendo-lhe que, mesmo que fôsse verdade, isso não tinha nada, que aquele nome era o de seu pai, era o de um homem honrado, — «Há muitos nomes iguais, Manuel; uns são de pessoas boas e outros de pessoas más. Se já houve em tempos um Nero que foi mau, haverá agora um Nero que será um valente rapazinho, estudioso, bem comportado, terminou ela.

E, daí em diante, passou a ser Manuel Jorge. Era o primeiro da aula!

Muito ladino, sempre irrequieto, tinha uma vivacidade surpreendente aquele corpo franzino, de

(Continua na página 4)

MARY LOU

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA



EIS a mais linda Princesa que imaginar podereis; Maria de Lourdes Tereza Arruda Nobre dos Reis!

trato familiar... pelo hábito que há de tudo simplificar; pois é na simplicidade que toda a Beleza está.

E' pequenina por ora; mas um dia virá em que ela deixará de ser menina; far-se-há uma senhora e toda a gente dirá: — ah, como é encantadora!...

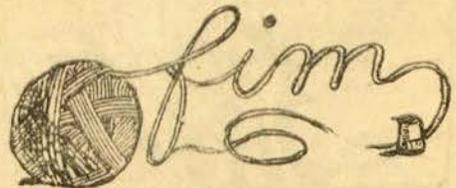
Tem dois anos, sómente, e nada ou pouco diz! Contudo, vive contente e é imensamente feliz.

sôbre a fronha arrendada da sua rica caminha, com os pais, a madrinha, as estrélas, a lua!...

Os que a tratam por tu na doce intimidade, chamam-lhe a Mary Lou;

Nada, nada lhe falta; corre, já pula, salta... pede tudo que vê, pois tudo lhe apetece!

E ao sentir o canção, adormece e sonha,



pernas ligeiramente arqueadas... uma atitude quási permanente de «boxeur»...

Sempre pronto a dar pancada e sempre pronto a ensinar as contas a todos.

Quando, algum companheiro, por esquecimento ou maldade, lhe chamava Nero, nos olhos do pequenito fusilavam lampejos de ira e raiva e atirava-se a êle como um doido.

Muitas vezes teve de ser castigado por isso; mas a professora notava que o rapaz não podia ouvir que lhe chamassem aquele nome que, para êle, era... uma afronta... uma ofensa que ninguém sabia compreender!

— Não é verdade, minha senhora, que eu sou sempre o primeiro a acabar as contas? — E's sim... és o campeão!

Manuel Jorge exultou. Com os seus olhitos muito fechados quando ria e duas covinhas muito pronunciadas nas faces... era engraçado o rapazinho e duma prespicácia, com um sentimento de justiça, impróprio dos seus nove anos.

Sempre que na lição aparecia uma palavra que êle desconhecia, não deixava de perguntar a significação; um dia leu: «acto heroico». — «Que é, minha senhora?»

Ouvindo a explicação, atento, procurando compreender o que lhe diziam... ficou um instante sério, como a refletir, muito compenetrado; depois, rindo muito, exclamou: — «eu gostava de ser um heroi!»

— Talvez venhas a ser, respondeu a professora, divertida com a exuberância do pequenito.

E pensou para si: o que estava reservado a esta inteligência tão viva, a esta almazinha forte?

A escola encontrava-se instalada no primeiro andar dum antigo palácio, uma construção enorme e muito velha. Entrava-se por um largo portão que dava para um grande pátio, onde moravam algumas famílias, entre as quais, uma modista e um carpinteiro. A modista tinha um filhinho de quatro anos, chamado Orlando, que era uma criança encantadora e adorada por todos os pequenitos da escola. Por ali andava sempre brincando no pátio, para onde o carpinteiro muitas vezes, principalmente no verão, trazia o banco e trabalhava.

Tendo acabado uma obra, saíu para a entregar, deixando à porta um grande montão de aparas, fitas de madeira, e, esquecida, imprudentemente, uma caixa de fósforos, que a fatalidade quiz fôsse encontrada pelo pequeno Orlando, o qual, como de costume, por ali andava brincando, à espera dos seus amigos da escola.

Contente com o achado, logo procurou acender um fósforo, mas a caixa incendiou-se, fazendo uma labareda; o pequenito com a mãozinha queimada soltou um grito, deixando cair a caixa sobre uma porção de jornais velhos que ali estavam. A chama começava a alastrar, pegando ao monte de titas de madeira e envolvendo as roupas da criança que, procurando fugir, caiu mesmo sobre as labaredas.

Sufocado, Orlando já nem podia gritar.

Tudo isto se passou em menos tempo do que leva a descrever.

Vinham saindo alguns pequenos da escola e, entre êles, Manuel Nero. Enquanto os outros, apa-





vorados, soltavam gritos estridentes, o garoto não pensou um instante e, sem uma hesitação, lançou-se no meio das labaredas, logo trazendo nos seus frágeis e nervosos bracinhos, o seu amiguinho Orlando. Apertava-o muito contra si, para com as suas próprias roupas, apagar as chamas que envolviam os restos das roupinhas da criança e, entregando-o aos outros, disse autoritário: — «levem-no já à mãe», lançando-se, novamente, num impulso irreflectido, no meio das chamas.

O perigo era enorme, porque a alta labareda cada vez tomava maior incremento e, em breve, se propagaria à porta e penetraria na humilde casa do carpinteiro, àquela hora deserta e onde havia grande porção de madeira.

Foi isso que Manuel Jorge compreendeu e sufocado, o fato a arder; mas nada vendo, nada sentindo, ofegante e grandioso, o rapazinho calcava, espalhava com pés e mãos, procurando, num desvairamento, desfazer o monte antes que todas aquelas fitas se incendiassem.

Entretanto chegaram os vizinhos, alarmados com os gritos dos pequenos, que, com baldes de água, depressa e facilmente, apagaram as chamas já então dispersas e, por isso, mais fracas.

Quando pegaram nêlo, o valente heroizinho desfaleceu. Tinha sido um esforço demasiado, sobre-humano para os seus nove anos. Levaram-no para o hospital... as mãozinhas e as pernas sem pele, cabelos queimados... metia dó.

E estava muito doente o pobre Manuel porque, além das queimaduras, o seu organismo fraco sofreu um forte abalo que o fez delirar muitos dias.

Mas quando a professora foi vê-lo, na sua caminha do hospital, envolto em ligaduras, com olhitos brilhantes e semi-fechados, o garoto exclamou:

— «Minha Senhora, o outro Nero deitou o fogo... eu apaguei-o... Agora já não me importo que me chamem Nero!»

.....

Quando Manuel saiu do hospital, tinham-lhe preparado na escola, com o dinheiro da Caixa Escolar, uma linda festa, com cantos, música, flôres, etc.

Mas o que mais o impressionou foi quando Orlando apareceu com um embrulho maior do que êle, e que os seus bracinhos deixaram cair, quando quiz abraçar o seu amiguinho.

Era um enxoval completo que a pobre modista tinha feito, sabe Deus com que dificuldades, mas também com a grande e linda ternura que as mães têm sempre no coração, quando querem agradecer o bem que fazem a seus filhos.

E Manuel Jorge Nero nunca esquecerá aquele dia, o mais belo, com certeza, da sua vida.

Santo Antonio e o Menino Jesus

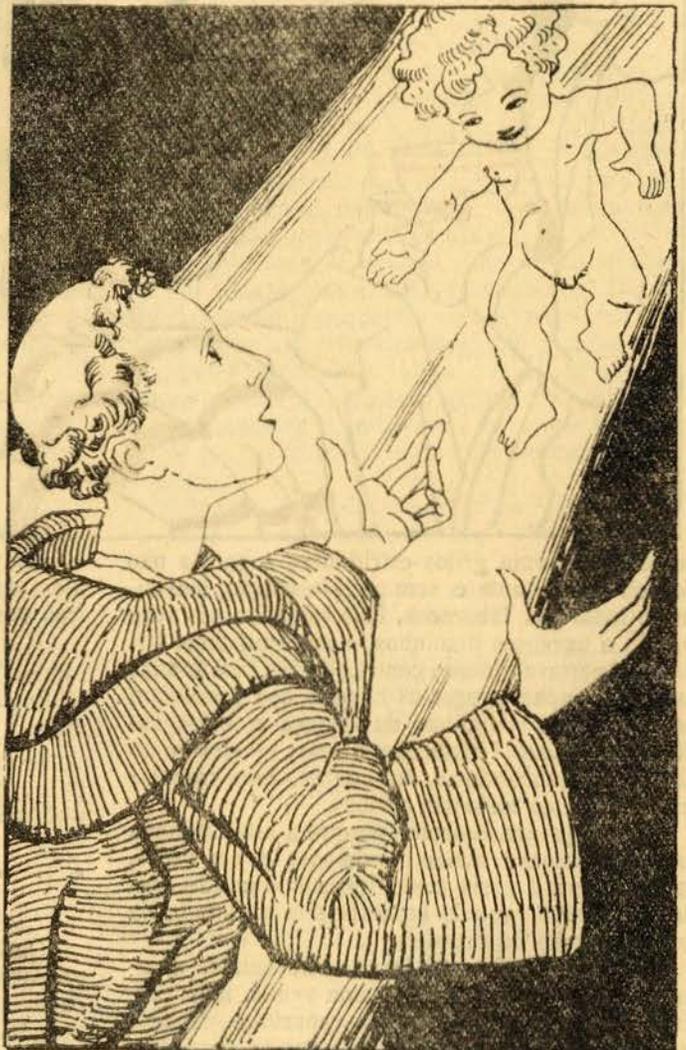
POR AUGUSTO DE SANTA RITA

NO tempo em que Santo António andava por este mundo, de quando em quando, Jesus, ao som dum divino harmónio, baixava do Céu profundo, entre uma facha de luz, e vinha tombar no colo do Santinho português que, com infindo consólo, logo os braços lhe estendia...

Todavia, uma vez, um certo dia, o Menino Jesus pôs-se, esquivo, a esvoaçar no espaço, qual borboleta a voar em derredor duma luz.

E assim que o Santo, sorrindo, erguia mais alto o braço, na ânsia de o alcançar, o Deus-Menino, fugindo, trocava-lhe as voltas, rindo, sempre esquivo ao seu abraço.

O pobre Santo, entretanto, vencido pelo canção, murmura com arrelia:
— «Se o meu Menino não vem bem depressa ao meu regaço, faço queixa à sua Mãe, Virgem-Maria...



Porém, o Menino ria, ria, travesso como ninguém.

Por fim vendo-o tão zangado, cai-lhe no colo o Menino e diz-lhe em ar estouvado:

— «Eu inda sou pequenino, também gosto de brincar!»

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

A DIVINHA

Colar o n.º 1 e o n.º 5 em cartolina.

O n.º 1 é para enrolar e colar X com X dobrando e dando com a tesoura os cortes indicados.

Depois de enrolado o vaso, faz-se-lhe o fundo, colocando-o sobre um pedaço de cartolina, marcando com o lápis e colando-o.

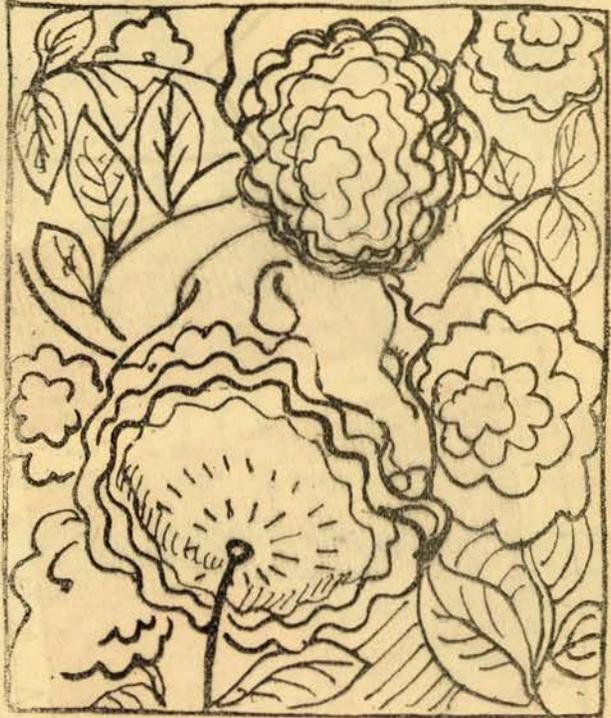
O n.º 2 serve de modelo para fazer vários iguais, em papel verde ou cartolina pintada de verde, dispoñdo-os, após, como explica o n.º 3.

Depois de colocadas 4 folhas, vão-se metendo, dentro destas, todas quantas se quiserem, até ficar o mangerico com bastante folhagem.

O n.º 4 que é o cravo, é feito da mesma forma, em papel encarnado ou outra cor, mas bastam 8 folhas, 4 de base e 4 dentro destas.

Enrolar a ponta das pétalas na ponta dum arame; depois cobrir, com uma tira de papel verde, o arame devidamente colado.

N.º 5, colar as duas partes do botão do cravo, pela linda de pontos, de modo que, depois de bem seco e apertando pelas mesmas arestas, se consiga que fique ôco. Introduzir o arame, e uma vez o botão no seu lugar, cobri-lo com papel verde.



MEUS MENINOS

No meio destas flores, Santo Antonio escondeu-se. Vejam-se se o descobrem.

PARA OS MENINOS COLORIREM

